

F.A.L.A.P.A.

LUX PRIMORDIALIS

REVISTA DE FILOSOFIA, HERMETISMO E ARTE TEÚRGICA

N.º 01 · SAMHAIN 2026

O LIMIAR DA SOMBRA À LUZ

Per Lucem ad Originem

A primeira porta

Toda a tradição nasce de uma pergunta. Não necessariamente de uma resposta, de um prodígio ou de uma certeza. A pergunta é a abertura por onde entra a Luz.

Esta revista surge como um espaço de leitura demorada. A Fraternitas Luminis Primordialis dispõe já de uma casa digital onde se reúnem estudos, símbolos e instrumentos. Faltava-lhe uma sala de silêncio: um lugar onde várias vozes de conhecimento pudessem encontrar-se em torno de um único tema.

Escolhemos o limiar porque toda a transformação começa numa fronteira. Entre o conhecido e o ignorado. Entre o gesto repetido e o gesto consciente. Entre a noite acolhida e a luz que se anuncia.

Não pretendemos apresentar a tradição como um conjunto de certezas indiscutíveis. Desejamos distingui-la, estudá-la, interpretar os seus símbolos e fazer da prática um exercício de responsabilidade interior.

Que estas páginas não sejam apenas percorridas: que sejam habitadas.

Khān Al-Vādder

Per Lucem ad Originem

O que encontrarás

04-05	Samhain: memória e passagem
06-07	Jâmblico e o sentido da teurgia
08-15	O Limiar Interior · ensaio central
16-17	Saturno: tempo, limite e maturidade
18-19	O Eremita e a lâmpada interior
20-21	O Livro da Natureza
22-23	Ars Magica: uma vigília de atenção
24-25	O caderno do praticante
26-27	Kabbalah: a árvore como mapa
28-29	Ak'bar: a palavra como criação
30-31	Leituras e critérios de investigação

Recordar, discernir, transformar: três movimentos de uma mesma travessia.

Samhain: a soleira

Quando o ano escurece no hemisfério norte, a paisagem recorda-nos que recolher não é desaparecer. É regressar ao essencial.

O nome Samhain liga-se a tradições gaélicas de transição sazonal, frequentemente associadas ao fim da época de crescimento e ao começo da estação escura. O testemunho histórico não deve ser confundido com todas as interpretações contemporâneas que dele nasceram.

A chamada Roda do Ano, com oito celebrações, é uma síntese moderna de festividades de origens diversas. Pode ser espiritualmente fecunda sem que a confundamos com um calendário antigo imutável.

Na nossa leitura, Samhain é sobretudo um limiar simbólico. A noite oferece espaço à memória: das pessoas, dos lugares, das decisões que nos formaram. O trabalho interior consiste em perceber o que merece ser conservado e o que pede conclusão.

Uma tradição ganha profundidade quando não precisa de inventar antiguidade para justificar a sua beleza.

O exercício da memória

Há uma diferença subtil entre recordar e ficar preso. A memória devolve-nos o passado como experiência; o apego exige que o passado continue a mandar no presente.

Numa noite tranquila, podemos colocar sobre uma mesa três objectos: um que represente aquilo por que sentimos gratidão, outro que recorde uma aprendizagem difícil e um terceiro que simbolize a intenção para o ciclo seguinte.

Contemplamos cada objecto durante alguns minutos. Não há necessidade de lhes atribuir poderes ocultos. A sua eficácia, nesta proposta, reside na capacidade de orientar a atenção.

Depois escrevemos três frases: «Honro...», «Aprendi...», «Escolho...». É possível guardar a folha no caderno e revisitá-la no próximo ciclo.

Honrar os que vieram antes não exige permanecer onde eles ficaram.

O limiar não é uma ruptura violenta com tudo quanto fomos. É o reconhecimento de que a continuidade também pode ser uma forma de mudança.

Jâmblico: para além do intelecto

Nã tradição neoplatónica, a questão não é apenas saber o que é o Divino, mas compreender como o ser humano pode ordenar a sua vida em direcção a Ele.

Jâmblico, filósofo da Antiguidade tardia, defendeu a importância da teurgia em diálogo crítico com uma via exclusivamente intelectual. Na obra geralmente conhecida como *De Mysteriis*, apresenta os ritos e os símbolos sagrados como elementos de participação religiosa, cujo sentido ultrapassa a capacidade de definição do pensamento discursivo.

Importa não reduzir a sua filosofia à ideia de que qualquer gesto ritual produz automaticamente um efeito extraordinário. O contexto envolve cosmologia, piedade, hierarquia divina e uma concepção específica da relação entre alma e deuses.

Para o leitor contemporâneo, permanece uma questão fértil: poderá a compreensão de uma ideia tornar-se mais profunda quando é acompanhada por uma forma de vida coerente com ela?

A forma que desperta

O símbolo não é necessariamente um enigma cujo segredo se resolve como um problema de matemática. É também uma forma que disciplina o olhar e organiza o pensamento.

Uma vela pode representar a vigília; a água, a clarificação; uma porta, a passagem. Estas associações são leituras simbólicas e variam com a tradição. O rigor começa precisamente quando sabemos distinguir interpretação, documento histórico e experiência pessoal.

Na Fraternidade, podemos traduzir essa aprendizagem em três perguntas: «O que representa este gesto?», «O que transforma na minha conduta?» e «Que erro de compreensão devo evitar?».

O rito deixa então de ser uma fuga ao mundo e torna-se uma maneira de o habitar com maior consciência. Não é preciso reclamar um resultado sobrenatural para reconhecer o valor pedagógico da atenção ritualizada.

O símbolo é uma porta. Mas é o praticante quem tem de aprender a atravessá-la.

A porta que não se vê

A entrada num caminho espiritual raramente acontece quando julgamos estar preparados. Muitas vezes, começa num desconforto discreto: aquilo que antes bastava deixa de responder às perguntas que agora nos habitam.

Esse instante é o limiar. Não é ainda a travessia. É o reconhecimento de que permanecer exactamente igual se tornou impossível.

A curiosidade procura novidades, experiências e respostas rápidas; a vocação interior exige mais. Obriga-nos a perguntar quem somos quando os papéis se calam, quando o olhar dos outros se afasta e quando a distração deixa de ocupar todos os lugares.

Uma porta pode abrir-se para uma sala desconhecida. O limiar interior abre-se para algo mais exigente: a responsabilidade de nos conhecermos.

A descida necessária

Imaginamos muitas vezes o percurso espiritual como uma subida contínua, feita de revelações, símbolos e descobertas luminosas. Mas o primeiro movimento da consciência é frequentemente uma descida.

É preciso olhar para aquilo que permanece confuso, mal nomeado ou contraditório. A sombra, aqui, não designa uma substância maligna. Nomeia tudo o que em nós ainda escapa à observação: hábitos automáticos, temores persistentes, intenções que preferimos não examinar.

Sem esse encontro, a ascensão pode transformar-se numa fantasia confortável. Falar de Luz não é o mesmo que reconhecer as formas de obscuridade que levamos para as relações, para as decisões e para os gestos mais simples.

O primeiro acto da transformação é deixar de fugir ao que precisa de ser visto.

A verdade do olhar

Antes do ritual, há a atenção. Antes da palavra sagrada, há a capacidade de escutar. Antes da procura do invisível, há o mundo que nos é dado a observar.

Vemos o que se repete na nossa conduta. Vemos a impaciência surgir antes de uma resposta. Vemos o impulso de interromper alguém quando a opinião alheia nos incomoda. Aquilo que parecia destino revela-se, por vezes, apenas hábito.

O trabalho interior nasce desta precisão. Não exige uma narrativa grandiosa sobre nós próprios, mas a coragem de enunciar o que realmente aconteceu. A sinceridade não é uma punição moral. É a condição de qualquer mudança consciente.

Um espírito que observa aprende a distinguir acontecimento, interpretação e desejo. E nessa separação encontra uma forma de liberdade.

Quando o símbolo se esvazia

Há uma tentação subtil na vida esotérica: recolher nomes antigos, sinais e fórmulas como quem reúne objectos preciosos, acreditando que a acumulação produz profundidade.

O símbolo, porém, não vale apenas pela beleza. Vale pelo que nos ensina a distinguir. O círculo pode convidar à reflexão sobre unidade e limite; a lâmpada, sobre vigilância; o portal, sobre mudança. Cada associação pertence a um contexto interpretativo e deve ser apresentada com honestidade.

Quando o símbolo deixa de tocar a conduta, torna-se adorno. A linguagem espiritual continua a brilhar, mas o indivíduo permanece entregue às mesmas distrações.

Não há desrespeito pela tradição em interrogar os seus emblemas. Há, antes, uma tentativa de não os reduzir a decoração mental.

Uma chave só se cumpre quando abre alguma coisa.

A arquitectura da vontade

A disciplina não é o contrário da liberdade. Pode ser a arquitectura que lhe permite existir.

Uma intenção sem continuidade dissolve-se diante do primeiro obstáculo. O entusiasmo inaugura, mas não constrói sozinho. Quem deseja amadurecer deve aprender a regressar ao trabalho também nos dias em que nada parece extraordinário.

Esse regresso pode assumir formas humildes: terminar uma leitura, manter um registo fiel, preservar um tempo de silêncio, cumprir uma promessa simples. Não são gestos espectaculares, mas neles o pensamento encontra o corpo e a palavra encontra o acto.

Na perspectiva iniciática da Fraternidade, o verdadeiro progresso não se mede pelo número de símbolos conhecidos. Mede-se também pela coerência que se começa a reconhecer na vida quotidiana.

O nome e o silêncio

Nomear é dar contorno. Quando descrevemos com exactidão uma experiência, tornamo-la mais acessível à reflexão. No entanto, nenhum nome encerra a totalidade do que pretende designar.

Chamamos Luz ao entendimento, ao esclarecimento e à presença. Mas as palavras tornam-se vazias se não sabemos traduzi-las em actos: explicar sem humilhar, escutar antes de responder, corrigir um erro sem o ocultar.

Também o silêncio pode ser mal compreendido. Não é apenas ausência de som, porque há pensamentos que fazem mais ruído do que uma praça. É a disposição de escutar sem preencher imediatamente cada intervalo.

Assim, palavra e silêncio não são inimigos. Um purifica o outro. A palavra dá forma ao que o silêncio revela; o silêncio devolve à palavra a sua medida.

A coragem de deixar cair

Atravessar um limiar exige abandonar alguma coisa. Nem sempre são objectos ou lugares. Muitas vezes são imagens de nós mesmos que aprendemos a defender, apesar de já não nos servirem.

Construímos identidades para sermos aceites, reconhecidos ou protegidos. Algumas tornam-se tão familiares que confundimos a máscara com o rosto. A transformação começa quando admitimos a distância entre a personagem que apresentamos e a vida que efectivamente vivemos.

Isto não implica rejeitar a história pessoal. Pelo contrário: só podemos transformá-la quando a reconhecemos como nossa, sem a reduzir a uma condenação nem a uma desculpa eterna.

A sombra deixa então de ser inimiga da Luz. Torna-se aquilo que pede clarificação. E a claridade, mais sóbria do que o brilho, permite caminhar sem tantos enganos.

Regressar à Origem

Regressar à Origem não significa fugir do mundo ou recuperar um passado idealizado. Pode significar reencontrar o centro a partir do qual o mundo se torna habitável com verdade.

Quando a vontade se rectifica, quando a atenção amadurece e quando a palavra corresponde ao gesto, algo muda no modo de estar. O caminho não nos separa da vida: devolve-nos a ela com maior responsabilidade.

O limiar também não termina numa noite. Reaparece quando uma compreensão antiga deixa de bastar, quando um compromisso precisa de ser renovado ou quando a consciência reconhece um erro que antes recusava ver.

Não é uma passagem que se vence de uma vez para sempre. É a disponibilidade de continuar a atravessar.

Não é necessário possuir a Luz. É necessário aprender a caminhar na sua direcção.

Per Lucem ad Originem

Saturno: a medida

Saturno é frequentemente recebido como a imagem do limite.

Na astrologia tradicional, associa-se ao tempo, à lentidão, à velhice, à contenção e à estrutura.

Estas correspondências pertencem a sistemas simbólicos históricos; não constituem provas de causalidade física entre um planeta e o destino pessoal. Precisamente por isso podem ser estudadas como linguagem cultural e instrumentos de reflexão.

Na filosofia prática desta edição, Saturno convida-nos a considerar tudo o que não pode amadurecer de imediato. O fruto tem estação, o corpo tem ritmo, a aprendizagem exige repetição. A pressa é muitas vezes uma forma de recusar a realidade.

Não é o medo do limite que nos torna livres, mas o reconhecimento de que só a partir de uma forma definida se pode exercer uma vontade responsável.

A disciplina não é a prisão do espírito. Pode tornar-se a arquitectura da sua liberdade.

Uma hora para ordenar

O sábado, tradicionalmente associado a Saturno, pode servir como lembrete simbólico para revisar compromissos e restaurar a ordem das coisas.

Escolhe uma tarefa pequena e concreta que estejas a adiar: organizar a mesa de estudo, terminar uma nota de leitura, cuidar de um objecto ou preparar o espaço de contemplação.

Realiza-a com atenção, sem acrescentar novas tarefas. Quando terminares, escreve apenas uma linha: «Hoje dei forma a...».

Este exercício não depende do cálculo de uma hora planetária. Quem desejar estudar essas horas deve recordar que o sistema tradicional divide o dia claro e a noite em doze partes desiguais, segundo o nascer e o pôr do Sol locais.

Na prática simbólica, nenhuma correspondência nos dispensa da observação. Se o ritual de ordem conduz apenas à acumulação de regras, perdeu a sua finalidade.

O Eremita: a lâmpada

A imagem do Eremita condensa uma contradição aparente: aquele que se afasta do ruído traz consigo uma luz destinada a orientar o caminho.

Na tradição do Tarot, a lâmina IX é frequentemente representada por uma figura solitária, acompanhada de uma lanterna e de um bastão. Os significados variam entre baralhos, épocas e escolas de interpretação.

Uma leitura contemplativa distingue solidão de isolamento. A primeira pode dar espaço à escuta; o segundo pode transformar-se em recusa do encontro. O Eremita não exige que deixemos o mundo, mas que nele descubramos um eixo que o tumulto não governe.

Perante a lâmina, pergunta: «Que luz procuro fora de mim porque ainda não aprendi a sustentar a atenção dentro de mim?».

Uma pequena luz, quando bem guardada, basta para revelar o próximo passo.

Três perguntas à lâmina

Uma leitura simbólica pode transformar-se numa prática de escrita. Coloca a imagem do Eremita à tua frente, ou desenha uma lanterna no caderno. Observa durante um minuto antes de escrever.

Primeira pergunta — A luz. Que conhecimento já possuo e deixo de aplicar por falta de atenção?

Segunda pergunta — O bastão. Que hábito concreto sustenta o meu caminhar quando a motivação desaparece?

Terceira pergunta — O caminho. Qual é o próximo passo possível, não o idealizado?

Evita transformar uma carta em sentença irrevogável acerca da vida. O Tarot, enquanto linguagem simbólica, pode apoiar a reflexão sem substituir análise, informação e livre decisão.

Na via da Fraternidade, a lâmina não é um comando exterior; é um espelho que exige responsabilidade perante o que nele se encontra.

Oliveira: permanência

A oliveira ensina uma filosofia sem palavras. A sua madeira conserva marcas, o tronco aceita a irregularidade e a árvore permanece ligada ao lugar.

Olea europaea é uma espécie de longa presença nas paisagens mediterrânicas e na cultura agrícola portuguesa. Nas tradições religiosas e artísticas do Mediterrâneo, o ramo de oliveira surge em diferentes contextos como símbolo de paz, bênção e continuidade.

A contemplação desta árvore pode começar com a observação fiel: forma da copa, textura da casca, orientação dos ramos, presença de frutos e sinais da estação. Só depois nasce a interpretação.

Há um risco comum nas correspondências mágicas: atribuir à planta virtudes universais sem distinguir os factos botânicos do simbolismo cultural. A revista adoptará sempre essa separação.

Aprender a ver uma árvore talvez seja a forma mais simples de corrigir a pressa de nomear o invisível.

O caderno da paisagem

Escolhe um lugar que possas revisitar: uma oliveira, uma margem, um jardim ou uma árvore de rua. Não é necessário colher folhas, raspar casca ou retirar qualquer parte da planta.

Regista a data, a hora, a luz, o estado do céu e o que realmente observas. Descreve primeiro, sem adjectivos místicos: «folhas voltadas para...», «solo húmido...», «vento fraco...».

Numa segunda coluna, anota aquilo que a observação te sugere: perseverança, fragilidade, continuidade, passagem. Conserva separadas a descrição e a interpretação.

Ao repetir o exercício durante quatro semanas, descobrimos que o que parecia igual se revela mutável. A natureza deixa de ser decoração simbólica e torna-se interlocutora da atenção.

Evita recolher plantas desconhecidas para consumo, inalação ou aplicação na pele. A identificação botânica e a segurança precedem qualquer uso material.

Uma vigília de atenção

Propomos uma prática simples, destinada a estabelecer uma relação entre intenção e presença. Não envolve fogo, fumigações, substâncias ou fórmulas de autoridade espiritual.

Preparação. Reserva dez minutos num lugar calmo. Coloca à tua frente um objecto neutro, como uma pedra limpa ou uma folha de papel. Deixa o telemóvel em silêncio.

Abertura. Senta-te numa posição confortável. Observa a respiração natural durante um minuto, sem a forçar e sem retenções prolongadas.

Vigília. Dirige o olhar para o objecto. Identifica a sua forma, contorno, textura e posição. Quando a mente se dispersar, regressa simplesmente ao que está diante de ti.

Palavra. Formula em silêncio uma intenção ligada à tua conduta: «Quero responder com maior clareza» ou «Quero agir sem precipitação».

Esta sequência pode ser tomada como um rito pessoal de concentração, sem lhe atribuir efeitos que não possamos observar.

O fecho e o discernimento

Fecho. Depois de alguns minutos, baixa o olhar e pergunta: «O que mudou na minha atenção?». Não procures imagens especiais, sinais obrigatórios ou sensações extraordinárias.

Registo. No caderno, descreve o tempo de prática, as distrações mais frequentes e uma acção concreta coerente com a intenção escolhida.

Integração. Durante o dia seguinte, verifica se essa acção aconteceu. A prática ganha sentido quando se torna observável no modo como falamos, escutamos e escolhemos.

Quem sentir desconforto deve interromper o exercício. Não existe mérito em prolongar uma prática que causa mal-estar.

Uma cerimónia não precisa de impressionar os sentidos para educar a presença.

A interpretação espiritual deste exercício pertence ao campo da experiência pessoal; a atenção e a escrita constituem o seu componente verificável.

Três movimentos

Recordar, discernir, transformar. A sequência que estrutura esta edição pode tornar-se um pequeno exame de consciência, realizado ao fim de cada semana.

Recordar. Qual foi a situação mais significativa dos últimos sete dias? Procura descrevê-la sem adornos. O que aconteceu, onde, com quem e como respondeste?

Discernir. Que parte dessa resposta foi escolhida e que parte surgiu como reacção habitual? O discernimento não exige severidade, mas precisão.

Transformar. Formula uma única mudança comportamental para os próximos dias. Em vez de «serei mais sábio», escolhe «antes de responder, vou escutar até ao fim».

Escreve a revisão numa página datada. Um método modesto, repetido sem dramatização, pode revelar com nitidez o progresso e as resistências do praticante.

A página em branco

DATA E LUGAR

O QUE OBSERVEI

O QUE COMPREENDI

O MEU PRÓXIMO GESTO

Esta página foi concebida para ser impressa ou transcrita. Não a preenches para produzir respostas bonitas, mas para fixar o que realmente aprendeste.

A árvore não é o território

A Árvore da Vida constitui uma das imagens mais reconhecíveis da Kabbalah. Em diferentes tradições cabalísticas, as *sefirot* descrevem dimensões da manifestação divina e relações complexas entre Deus, criação e linguagem.

A Kabbalah judaica possui história, textos, escolas e contextos religiosos próprios. A chamada Cabala Hermética reinterpretou parte desses materiais em sistemas esotéricos ocidentais. Confundir ambas impede compreender as diferenças que lhes dão sentido.

Na leitura contemplativa da Fraternidade, a árvore pode ser vista como um mapa de perguntas: o que é fundamento, equilíbrio, forma e orientação? Mas um mapa simbólico não substitui o estudo das fontes.

A honestidade intelectual não diminui o Mistério. Protege-o do imprevisto e permite que uma inspiração pessoal seja apresentada como tal, em vez de se disfarçar de tradição antiga.

O fundamento e a ascensão

Em muitos diagramas cabalísticos conhecidos, Malkhut ocupa o extremo inferior da Árvore da Vida. O termo hebraico *malkhut* pode traduzir-se por «reino» ou «realeza», dependendo do contexto.

O seu lugar no diagrama convida a uma meditação simples: toda a aspiração espiritual acontece numa vida concreta. É aqui, na atenção ao corpo, às relações, aos compromissos e ao mundo, que qualquer pretensão de elevação deve ser examinada.

Não reduzimos Malkhut a uma noção psicológica moderna: tal seria empobrecer séculos de pensamento. Usamo-la apenas como ponto de partida para uma pergunta contemporânea.

Em que aspecto da minha vida a linguagem da Luz deixou de se traduzir em actos?

O fundamento não é o obstáculo da ascensão. É a condição para que a subida não se torne fantasia.

Dar nome ao invisível

Alingua Ak'bar é uma criação contemporânea da Fraternitas Luminis Primordialis. Não reivindica ser um idioma histórico recuperado nem uma língua antiga revelada.

Nasceu do desejo de aproximar palavra, símbolo e contemplação. Ao criar um vocabulário próprio, somos convidados a perguntar o que realmente queremos dizer quando pronunciamos termos como espírito, essência ou luz.

Algumas palavras do léxico actual exprimem esta orientação: **K'shar**, Luz Primordial; **Vaeryn**, espírito; **Meltha**, alma; **Zar'lumin**, cristal. A escrita e a gramática encontram-se em desenvolvimento e são publicadas no portal Ak'bar.

É importante não confundir a criação linguística com tradução de documentos históricos. O seu valor é poético, pedagógico e simbólico, e deve ser apreciado nesse registo.

O nome e o silêncio

Um nome dá contorno a uma experiência, mas nunca a contém por inteiro. Ao chamar «Luz» a uma ideia, ainda não aprendemos a reconhecê-la no mundo.

Propomos uma experiência de escrita: escolhe um termo, como *K'shar*, e desenvolve três breves definições. A primeira, literal, deve ser tão clara quanto possível. A segunda, simbólica, explica as imagens que desperta. A terceira, prática, descreve uma acção que encarna o seu sentido.

Por exemplo: «Luz» como fenómeno físico; «luz» como metáfora do entendimento; «dar luz» como acto de esclarecer sem humilhar.

A linguagem torna-se fecunda quando cresce a precisão do pensamento. Uma palavra sagrada não precisa de obscuridade para conservar profundidade.

Para conhecer o alfabeto, o dicionário e as regras actuais da língua, visita a página Ak'bar no site da Fraternidade.

Fontes para atravessar

A reflexão espiritual aprofunda-se quando aprende a dialogar com os textos e a reconhecê-los na sua época.

Jâmblico, *De Mysteriis*. Referência central para compreender a defesa filosófica da teurgia na Antiguidade tardia. A escolha da tradução e da edição influencia a leitura.

Plotino, *Enéadas*. Uma obra fundamental para explorar a vida contemplativa, a unidade, o intelecto e a relação da alma com o princípio.

Textos medievais irlandeses. Para estudar Samhain, convém distinguir referências literárias e testemunhos históricos de reconstruções contemporâneas da celebração.

Investigação da Kabbalah judaica. O estudo exige reconhecer a especificidade das suas tradições e evitar que imagens herméticas recentes substituam indiscriminadamente as fontes.

Uma bibliografia é um convite à leitura, não um selo automático de verdade.

Entre tradição e invenção

Esta publicação adopta quatro critérios simples.

1. Nomear a fonte. Quando uma afirmação é histórica, devemos procurar documentação. Quando é interpretação, devemos assumi-la.

2. Separar níveis. Factos botânicos e astronómicos, imagens poéticas, hipóteses filosóficas e crenças rituais não pertencem ao mesmo plano de verificação.

3. Praticar com responsabilidade. Não serão apresentadas como garantidas curas, mudanças externas ou capacidades extraordinárias sem evidência adequada.

4. Manter a obra viva. Uma edição pode ser corrigida. O respeito pela tradição inclui a disposição de emendar um erro.

O conhecimento não é diminuído pela dúvida disciplinada. É por ela que aprende a merecer confiança.

Edição inaugural concebida pela Fraternitas Luminis Primordialis. Textos editoriais originais; temas e tradições citados conservam a identidade das suas respectivas fontes.

